

AVE DO PARAÍSO

Georgina Martins

Ilustrações: Sergio Alves

MANUAL DO PROFESSOR

Idioma: Língua Portuguesa.

Categoria: 2 / obras literárias voltadas para estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

Tema da categoria 2: *Sociedade, política e cidadania.*

Gênero literário: romance.



São Paulo – 2018

1ª edição

Título: Ave do Paraíso

Copyright da edição © Georgina Martins, 2018



Editorial: Ana Paula Piccoli, Cândido Grangeiro, Cris Silvério, Ingrid Lourenço, Mariane Mammana

Redação - Material de apoio: Flávia Cristina Bandeca Biazetto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M386a Martins, Georgina

Ave do paraíso / Georgina Martins ; ilustrado por Sergio Alves. - São Paulo : Palavras Projetos Editoriais, 2018.

64 p. : il. ; 13,5cm x 20,5cm.

ISBN: 978-85-92590-21-5 (aluno)

ISBN: 978-85-92590-23-9 (professor)

1. Literatura infantojuvenil. I. Alves, Sergio. II. Título.

CDD 028.5

2018-1076

CDU 82-93

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição - 2018

Todos os direitos reservados a:
Palavras Projetos Editoriais Ltda.

Rua Padre Bento Dias Pacheco, 62, Pinheiros
São Paulo – SP – CEP 05427-070

Telefone: +55 11 3673-9855

www.palavraseducacao.com.br

Sumário

Palavras iniciais	4
Contatos iniciais: o leitor e a obra	9
Pelas trilhas de um romance	13
O final feliz que não se apresenta	19
Experiências distintas, questionamentos iguais	21
Palavras finais	25
Referências bibliográficas	26

Palavras iniciais

Em suas mãos, encontra-se um retrato do único paraíso possível de ser concebido na realidade: trata-se do lugarejo Ave do Paraíso, onde vive a menina Célia e sua família. Um “paraíso” que, de acolhedor e harmônico, como a utopia do termo sugere, possui apenas o nome.

Nesta obra literária, a autora Georgina Martins resgata uma parte da história do processo de urbanização do Brasil. Seu texto expõe realidades não habituais a muitos dos estudantes contemporâneos, que já nasceram em um cenário urbanizado. Sua narrativa também identifica alguns pilares do complexo cenário das diferenças sociais e da exclusão impostas, ainda hoje, a muitas crianças brasileiras.

Professora de Pós-Graduação em Literatura Infantil e Juvenil da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a autora ganhou diversos prêmios e menções honrosas, entre eles o Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores, do melhor livro infantil de 2006, com a obra *Uma maré de desejos* (Ática) e, no mesmo ano, o 2º Concurso El Nino Del Mercosur, na Argentina, com o conto “Jasmins à moda de Manuel Bandeira”.

As ilustrações de Sergio Alves convergem para a construção do texto de Georgina Martins, à medida que as duas narrativas – visual e escrita – apresentam como produto final uma síntese concisa e direta sem espaços para floreios e adornos do cotidiano. Assim, seja pelos traços simples, seja pela linguagem direta, *Ave do Paraíso* traz à tona diferentes formas de representação da carência: as imagens de Sergio Alves servem como fio condutor, como ênfase, aos elementos de míngua trazidos pelo texto escrito por Georgina Martins.

Em *Ave do Paraíso*, a autora tece uma narrativa ficcional que incita diversas reflexões em estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, fomentadas pelo campo artístico-literário e suas interfaces com a sociedade. A obra revela-se densa e contagiante do começo ao fim, evidenciando as raízes históricas de problemas ainda atuais, e propondo reflexões impactantes sobre o contraste social e suas consequências.

Pelo olhar da pequena Célia, a realidade do trabalho na zona rural, em meados do século XX, é desvelada, denunciando a naturalização da exploração e da opressão sociais. Ao transportar os leitores para outro tempo e outro espaço, o texto apresenta fragmentos de uma realidade pouco familiar a alguns leitores, humanizando aqueles que são marginalizados em prol da ascensão social e da manutenção de privilégios de outrem.

As memórias estilhaçadas da protagonista instigam os jovens leitores a exercitar sua criticidade à medida que identificam inúmeros atos de violência cotidiana, expressos não só nas agressões físicas, nas palavras duras e na indiferença, mas também na desigualdade e no desamparo social da personagem e de sua família.

Subliminar à narrativa, há um desafio para os leitores dessa obra: distinguir o que é violência e o que é solidariedade dentro dos contextos de privações. Tal apontamento pode soar estranho; afinal, parece-nos que as diferenças entre ser violento e ser solidário são óbvias.

A narrativa da personagem Célia mostra, porém, que há pontos de confluências entre essas duas esferas em determinados contextos, sobretudo em relações hierarquizadas entre aqueles que gozam de privilégios sociais e aqueles em situação de miséria. A linha tênue que separa essas duas posturas é percorrida pela protagonista, que conduz seus leitores a olhar a ordem social estabelecida por outras perspectivas.

Ao rememorar sua infância, Célia reconstrói sua história, contrapondo sua subjetividade e seus interesses aos de outras figuras, seja da menina Carola, seja dos bois do seu Nestor. Na narrativa, há um embate no qual, de um lado, os caprichos de pessoas privilegiadas socialmente são vistos como necessidades reais enquanto, de outro lado, as privações dos marginalizados eram “assim mesmo”, uma sina ou destino selado. Assim, a narrativa ilumina as distorções de valores humanitários nos quais estamos imersos e mostra como isso impacta na vida privada dos agentes de nossa sociedade.

A linguagem utilizada pela autora é clara e simples, aproximando-se de um narrar quase infantil, sem floreios ou hipérboles, dando a sensação de que a narradora faz seus relatos sem acentuar a magnitude dos males sofridos. O tom de natu-

ralidade do texto aproxima os leitores, como se fosse o resultado de uma conversa informal e, simultaneamente, provoca um estranhamento e incômodo ao dar acesso ao mosaico completo das memórias da protagonista.

As afinidades com os jovens leitores se estendem para além da forma da narrativa, atingindo seus conteúdos e possíveis desdobramentos.

1. Aspectos históricos: a narrativa retoma fatos que podem ter ocorrido com uma parcela específica da população brasileira. Embora essa realidade não seja a de boa parte dos leitores, provavelmente foi a de seus familiares, avós e bisavós, no cenário de desenvolvimento urbano e êxodo rural. Assim, à medida que Célia discorre sobre suas lembranças, lampejos de relatos familiares podem surgir nos leitores, provocando uma identificação que ultrapassa a denúncia social do texto e percorre caminhos interpretativos inimagináveis pelos mediadores da leitura literária. Trilhas que partem de experiências e de testemunhos das vivências particulares dos jovens que devem ser acolhidas e valorizadas em processos de leitura. Tendo em vista o objetivo de apresentar diferentes perspectivas sobre esse momento histórico, trechos da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, podem ser reproduzidos para traçar um contraponto entre a postura do opressor e do oprimido. Outro paralelo possível são as trajetórias da personagem Célia, de Georgina Martins, e das protagonistas de Geni Guimarães nas obras *Leite do peito* e *A cor da ternura*.

2. Faixa etária: a narradora não é mais uma criança, mas seus relatos são memórias de sua infância e adolescência, faixa etária do público-alvo. A aproximação com a obra por meio da semelhança etária entre a protagonista e os estudantes possibilita uma vivência de alteridade que, se experimentada em sua potencialidade máxima, pode fomentar processos de humanização que permitem aos leitores usar novas lentes para enxergar a ordem social. Para ampliar os retratos de jovens marginalizados, a obra *Sequência: nossa vida na rua*, organizada por Beth Ziani (Peirópolis, 2010), permite pensar nos processos de exclusão social de jovens na vida urbana, proporcionando uma comparação entre as realidades das protagonistas de

ambas as obras¹. Outras possibilidades são as obras *Diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank (várias edições) e *O diário de Zlata*, de Zlata Filipovic (Companhia das Letras, 1994), que retratam realidades de jovens em situação de guerra, contexto histórico distinto do brasileiro.

3. Reflexões propostas: a obra

evidencia as mazelas exclusivas a uma específica parcela da população – os pobres marginalizados do passado e do presente. A identificação do leitor com a obra se dá pela justaposição entre a vivência relatada pela narradora e as experiências individuais dos leitores de 8º e 9º anos. O destaque para os reflexos das desigualdades sociais no romance biográfico é também retratado por Carolina Maria de Jesus em sua obra em forma de diário *Quarto de despejo – Diário de uma favelada* (Ática, 1960). A visão de Carolina de Jesus é de uma mulher que vive à margem da sociedade urbanizada e se refugia da violência à sua volta em suas reflexões e em seu diário, diferentemente da pequena Célia, que se torna mais vulnerável pela idade e pelos silenciamentos que culturalmente são feitos às crianças e aos jovens. Além disso, suas formas de refúgio são mais restritas, visto que a personagem é analfabeta e sua experiência de contato com a escrita foi penosa, ao reiterar a violência, representada por uma professora opressora.

As possíveis aproximações com outras produções literárias que representam temáticas semelhantes podem se tornar espaços de circulação e compartilhamento de obras literárias e artísticas. A criação de tais espaços de troca de repertórios artísticos pode ser inicialmente guiada pelo professor como um exemplo do modo de conduzir uma roda de conversa sobre literatura. Assim, pode-se propiciar a oportunidade aos alunos de dialogarem sobre um objeto literário e experimentarem situações de conversação espontâneas². Posteriormente, os alunos podem ser orientados a levar para sala de aula,

1. Ver, na BNCC, a seguinte habilidade:

“(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.”

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 157. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

2. Na BNCC, está descrita a seguinte habilidade:

“(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.”

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 183.

em dias preestabelecidos, trechos de livros – em prosa ou em poesia – ou ainda por meio de canções ou filmes que eles já conhecem que remetem ao mesmo contexto de exploração e exclusão. Tais possibilidades de aproximação por meio dos repertórios dos estudantes, apesar de direcionadas, não são limitadoras, o que, por um lado, lhes dão a possibilidade de se colocar diante da obra lida e, por outro, ampliar o contato com o campo artístico do grupo. Além disso, trata-se de uma situação planejada que tenta reproduzir espaços de circulação e promoção do hábito de leitura³.

Esperamos que você goste da obra, e que seus alunos adentrem na *Ave do Paraíso* de modo que, ao saírem, passarão a enxergar a si e o mundo com outros olhos.

Boa leitura!

3. Ver, na BNCC, a seguinte habilidade: “(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular, p. 155.

Contatos iniciais: o leitor e a obra

O vestido da mãe da narradora é o portal de entrada para o universo de *Ave do Paraíso*. Por ser a única vestimenta que possui, ela o retira todas as noites para lavar, e dorme enrolada em um lençol. Essa é a primeira memória descrita pela narradora: a carência de vestimentas e os vestidos doados à sua mãe por Dona Loquinha, irmã e residente na casa do dono das terras, chamado de Tio Juca.

A história é contada por Célia, já adulta, que relembando sua infância e adolescência, relata suas experiências. De maneira simples e instigante, a narradora discorre sobre os acontecidos, evidenciando que a pulsão da menina de outrora – compreender as violências sofridas – persiste na mulher que se tornou. Diante disso, as memórias de Célia permitem-lhe reviver e reorganizar as lembranças fragmentadas de outros tempos.

Este romance biográfico se desenrola pela perspectiva da protagonista que narra fatos que marcaram sua infância. À medida que ela desvela sua subjetividade, a realidade social de sua família ganha luz e choca os leitores. O impacto é causado pela fragilidade da protagonista e de sua família diante de uma estrutura social opressora⁴. Isso posto, podemos pensar que a subjetividade de Célia é pautada em faltas e subtrações, seja a morte da cachorra, seja a vontade de comer doce, seja no desmanche de um boneco de papelão, seja a morte do pai. De maneira convergente, o retrato de sua família é feito pelo viés da ausência: de comida, de casa e de luz.

4. Na BNCC, ver a seguinte habilidade: “(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção”.

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 155.

Denotando a extrema pobreza desde o início, o vestido único se apresenta como elemento essencial para o primeiro passo ao desenrolar da trama. Os vestidos dados remetem ao leitor um sentimento de culpa e autorredenção por parte de quem presenteia, resultando em uma ação ineficaz. Os vestidos não servem à mãe de Célia, que continua por usar o lençol todas as noites. Dona Loquinha não lhe dá os vestidos por saber que são necessários; ela doa para inconscientemente per-

doar-se pelos maus tratos cometidos indiretamente pela indiferença com que trata a outra pessoa, também mulher.

Trata-se da representação de uma família de colonos – trabalhadores que produzem nas terras de outrem, e pagam pelo “uso” com os produtos ali plantados e colhidos. Ao remontar o contexto de exploração, Célia indica uma realidade difusa na qual caridade e exploração são elementos que constroem a ambientação do espaço do enredo. Vestidos que não servem ou convite para a ceia de Natal na casa dos patrões são exemplos de ressentimento, porém ineficazes quanto a minimizar os danos causados por essa estrutura social desigual. Além disso, a exploração deixa marcas que intensificam a exclusão e o sofrimento da personagem.

Os véus que dificultam tomar consciência da realidade são muitos. A própria nomeação da personagem Tio Juca, o dono das terras, indica uma falsa intimidade, que se revela como submissão, conforme declara a mãe de Célia: “É Deus no céu e Tio Juca na terra – abaixo de Deus é ele que nos vale” (p. 13).

Ora, se só havia Deus acima do proprietário das terras, como ter espaço para questionar suas atitudes? Cerceada pelos pais que dependiam do Tio Juca e por irmãos com transtornos mentais, Célia se resigna à divisão injusta da colheita e à morte da cachorra Falua. Apesar de se sujeitar à violência sem escolhas, a personagem aponta sua consciência diante dos fatos.

A morte da cachorra Falua é uma cena de extrema importância, pela qual a realidade nua e crua se aflora. Diante da reclamação de Carola, filha de Tio Juca, de que a cachorra da família estava muito próxima de seu cãozinho de estimação, o proprietário ordena que se livrem da cadelinha. Assim, a família decide matá-la para não ter enfrentamento com o patrão.

Esse episódio do romance é marcado por tentativas de resistência da protagonista que tenta convencer a mãe (mandante) e Antônio Morumbeca (executor) de desistir da ideia. Como sua investida de argumentação é em vão, Célia tenta se confortar na imaginação associando a cena aos contos de fada. Tal refúgio é efêmero e a realidade se mostra cruel e sem fantasias.

A submissão dos trabalhadores frente às decisões do patrão é um elemento que pode ser amplamente discutido em sala de aula, trazendo consigo vários outros tópicos acerca dos abusos cometidos por empregadores até os dias atuais.

A simplicidade da linguagem trabalhada e o formato do desenvolvimento do relato evidenciam as prioridades da criança, o que realmente importava para Célia naquele momento. De maneira surpreendente, Georgina Martins dá vida e voz a essa menina, que sofre por sua cachorra assassinada, sofre por seu tão querido boneco de papelão que é acidentalmente derretido, mas não sofre com a mesma intensidade pela carência de condições básicas para uma vida humana digna.

Cabe aqui ressaltar que o texto literário se configura na articulação entre forma e conteúdo. Daí é fundamental que a maneira direta e concisa da protagonista de narrar os fatos seja analisada juntamente com os alunos, destacando a escolha lexical e como ela pode ser associada aos elementos narrativos. Destacar o discurso direto, quando houver: Com quem as personagens conversam? A quem sua voz ousa se dirigir? Como esse discurso é construído? Qual a variante linguística utilizada? Quando há a utilização de linguagem conotativa e denotativa? Quais os efeitos que elas causam no texto?⁵

Tais questionamentos são essenciais para apreender a construção do texto e podem ser trabalhados de diferentes formas. Sugerimos que trechos da obra sejam selecionados e levados aos alunos como ilustrativos de pontos a serem analisados.

5. Sobre esse aspecto linguístico, ver, na BNCC, a seguinte habilidade:
“(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que controlam a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular, p. 157.

6. Ver, na BNCC, a seguinte habilidade: “(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, *saraus*, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, *fanvídeos*, *fanclipes*, posts em *fanpages*, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs”.

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular, p. 155.

7. Sobre formas de gerar uma autonomia leitora nos estudantes, ver, na BNCC, a seguinte habilidade: “(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores”.

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular, p. 185.

A análise pode ser feito por meio de uma leitura compartilhada⁶, na qual os alunos se posicionem, primeiramente, sobre suas impressões gerais sobre as passagens lidas. A possibilidade de falar livremente sobre a obra é uma estratégia de aproximação entre leitor e obra. Posteriormente, o mediador da questão pode provocar os leitores com as questões estéticas e de conteúdo pertinente ao excerto. Assim, o direcionamento da leitura deve ser cauteloso para não reduzir as possibilidades interpretativas, mas sim para instrumentalizar os alunos diante da construção literária em uma tentativa de ampliar as possíveis leituras da obra e visando a formação de um leitor autônomo de textos literários⁷.

Pelas trilhas de um romance

O gênero literário romance permite uma flexibilidade de forma que perpassa diferentes maneiras de narrar, sejam elas inspiradas na tradição oral ou na escrita. Ou seja, um romance pode ser tecido em formato de cartas, de diário, de relato, de textos de retórica, ou ainda inspirado nas narrativas orais mitológicas e lendárias. A variedade de formatos está intimamente ligada à história do gênero ao longo dos séculos que perpassa as novelas de cavalaria aos folhetins do século XIX, alcançando o formato de alguns *best-sellers* contemporâneos.

Ao fazer um recorte histórico para exemplificar o formato do gênero, é possível ater-se na obra de Machado de Assis, que é composta por romances como *Memorial de Aires*, em formato de diário, ou *Dom Casmurro*, em formato de relato memorialístico. A obra de Georgina Martins é composta pelas memórias de sua protagonista, que conforme revive sua infância, ilumina cenas que a impulsionaram a um crescimento precoce.

Além da forma, pode-se destacar ainda que a composição dos elementos narrativos também permite certa maleabilidade. Isso posto, em um romance o narrador pode discorrer sobre vários núcleos de personagens ou ficar centrado no universo psicológico de uma única personagem. Em se tratando do tempo, um romance pode narrar feitos que aconteceram durante séculos, como em *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, ou em determinado tempo curto, como em *Paixão segundo GH*, de Clarice Lispector. São inúmeras as possibilidades de composição de um romance. Dialogar e transgredir com a tradição literária possibilitou a sobrevivência e a atualização do gênero por séculos.

Diante das diversas possibilidades de composição dos elementos narrativos, deve-se destacar o espaço em *Ave do Paraíso* que nomeia a obra. A descrição do espaço ocorre imbricada às lembranças e à restrição de Célia. Desta maneira, a precariedade do espaço reitera a da existência da protagonista. “Lá em casa não tinha banheiro. Quando era de dia, a gente ia no mato mesmo, mas à noite a gente precisava fazer xixi num balde grande que ficava dentro de casa. E era a maior briga quando amanhecia. Ninguém queria jogar o xixi no mato”. (p. 14) Este trecho exemplifica como se pode percorrer as pistas do texto e reconstruir o cenário do romance.

A passagem transcrita também permite refletir sobre o papel da memória, como um portador de cultura através dos tempos, conforme aponta Ecléa Bosi (1936-2017):

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desaparecem na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente os ditames de outrora. (BOSI, 1979, p. 33)

Bosi pautou suas pesquisas em espaços urbanizados nos quais a escrita auxilia a manutenção da memória, seja em espaços privados (por meio de cartas e diários), seja em espaços coletivos (por meio de documentos oficiais, por exemplo). Apesar de tais registros, Ecléa Bosi destacou que há modos de agir e pensar de outros tempos que estão presentes em um momento atual não necessariamente porque foram capturados pela escrita, mas sim porque sobrevivem pela memória partilhada. Em *Ave do Paraíso*, as memórias de Célia permitem registrar hábitos e brincadeiras de quem viveu no campo que não perduram hoje devido à transformação social e urbana.

Além desse aspecto, capturado do trecho transcrito acima, vários outros podem ser destacados a fim de esclarecer o tema *Sociedade, política e cidadania* nessa obra. São várias as passagens da narrativa que remetem o leitor para as questões sociais daquele momento histórico, mas que perduram até os dias atuais e impactam na formação e na atuação dos cidadãos, entre elas, por exemplo, o trabalho infantil, a discriminação socioeconômica, a violência física e social contra a mulher, o abuso sexual infantil (aspecto sobre o qual vamos tratar mais adiante).

Apesar desse tema, diretamente relacionado a questões sociais presentes na atualidade, ao apresentar uma obra romanesca em sala de aula, deve-se ter o cuidado de enfatizar que se trata de uma narrativa ficcional; portanto, todos os seus elementos passaram pelos processos criativos de um autor. Isso não a invalida como uma fonte de reflexão acerca da realidade, visto que o romance permite que em suas páginas haja um diálogo estreito com a realidade e seus pormenores. Isso posto, é necessário atentar-se durante as mediações que, apesar de o real estar presente na composição de um romance, as narrativas romanescas não são uma transposição ou a *mimesis* da realidade. O crítico Antônio Candido (1918-2017), em *A timidez do romance*, defende que “o romance representa o desejo de efabulação, com sua própria verdade” (2003, p. 99). A criação de um romance parte, então, de uma necessidade inventiva do espírito humano que constrói verdades verossímeis que são, em certa medida, alimentadas pelas experiências do autor.

Diante da complexidade e das diversas formas de adentrar um romance, o gênero torna-se uma rica possibilidade para o leitor em formação, pois permite reconhecer em seu caráter híbrido formatos e técnicas de composição narrativa já apresentadas ao longo de seu processo de formação de leitor⁸.

8. Ver, na BNCC, a seguinte habilidade: “(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular, p. 157.

Além da forma e da linguagem, as temáticas presentes em um romance são descortinadas nos detalhes da narrativa, permitindo que os interesses dos leitores transitem para além do enredo central, vagando entre os pormenores. Ao desviar e voltar seu olhar de leitor do enredo central, o estudante exercita sua autonomia e se arrisca por caminhos não previstos pelos mediadores de leitura⁹.

9. Sobre isso, ver, na BNCC, a seguinte habilidade:

“(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romaneadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.”

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 185.

Ave do Paraíso é repleta de detalhes que podem prender a atenção de seus leitores e instigar vários questionamentos. Vejamos o trecho:

Sempre que [Tio Amaro] chegava lá em casa, pegava minha irmã, punha no colo e pedia para ver se ela estava de calcinha. Eu achava o tio Amaro muito brincalhão, mas minha irmã não gostava das brincadeiras dele; sempre chorava. (p. 35).

A interação entre tio e sobrinha nos é apresentada de maneira natural, deixando dúvidas se há uma conotação sexual por trás da situação descrita. Ao longo da narrativa, as explorações do tio Amaro em relação ao tra-

balho de Célia são trazidas à tona, colocando à prova seu caráter. Nota-se que o tema de abuso sexual não é central na narrativa, e sim mais uma vertente de violência que a família da protagonista sofre. Tal cena pode passar despercebida para alguns leitores, já para outros pode saltar do texto. Diante disso, leituras compartilhadas podem ser estratégias ricas para alunos estabelecerem diálogos entre si e o texto, formando uma comunidade leitora¹⁰.

10. Ver, na BNCC, a seguinte habilidade:

“(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infanto-juvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, líras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão”.

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 159.

Alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental já podem ter tido contato e a oportunidade de ler outros textos – na escola, em família, na sociedade – que tratem desse tema. De toda forma, nessa faixa etária começam a se consolidar práticas sociais próprias da juventude e os alunos se preparam para deixar a infância, tornam-se mais autônomos em seus estudos, no deslocamento entre ambientes sociais diferentes (moradia, escola, residência de amigos e parentes, lugares de encontros com os amigos etc.), nas suas atividades diárias, na escolha de círculos sociais mais amplos que a família. Com maior autonomia no âmbito social, eles tendem a ampliar também sua visão de mundo e a se deparar com desafios mais amplos, acumulando uma bagagem cultural que extrapola os ambientes familiar e escolar e tornando-se mais aptos a discutir e a enfrentar questões próprias do tema *Sociedade, política e cidadania*.

Outro aspecto que se destaca em *Ave do Paraíso* é a construção da personagem. Para apresentá-la aos estudantes, pode-se recorrer ao pensamento de Antônio Candido, em *A personagem de ficção*. Para o crítico, a construção estrutural de um romance deve articular, sobretudo, personagem, enredo e as ideias – valores e significados – costurados pela técnica do autor. Cauteloso com a exposição de suas ideias, Antônio Candido reconhece que a personagem carrega um potencial de aproximar-se dos leitores e de materializar o enredo, mas que ela age de maneira interligada aos outros componentes da narrativa.

Tendo isso em vista, cabe elaborar questionamentos que desafiem os alunos a analisar a estrutura textual: Como os espaços em que Célia circula reforçam ou alteram sua caracterização? Por que a passagem do tempo distancia a protagonista da ideia de paraíso? Na trajetória da protagonista, há cenas que rompem com a lógica do enredo? Quais valores estão presentes no texto? Ao levantar estas questões, o mediador deve ter como intuito não só fazer uma verificação de leitura, mas também mostrar que o envolvimento com um romance pode contribuir para elaboração da subjetividade e da criticidade do leitor.

Portanto, se a intenção é posicionar-se diante da obra, cabe ao educador propiciar sequências didáticas que facilitem os estudantes a organizar o que foi apreendido do texto. Para isso, o trabalho de leitura e produção de resenhas variadas, publicadas por meio do texto escrito ou por meio de audiovisual*, pode ser uma possibilidade para os alunos analisarem a obra e compartilharem sua experiência leitora nos espaços escolares. Ao planejar este tipo de atividades, deve-se ter em mente os recursos da escola, caso haja a possibilidade de criar um *vlog/blog* literário ou somente um mural de resenhas. O importante é recriar contextos de produção e de circulação de textos críticos literários, pelos quais os alunos possam experimentar a escrita e a atividade crítica¹¹.

11. Ver, na BNCC, as seguintes habilidades:
“(EF69LP45) Posicionar-se criticamente em relação a textos pertencentes a gêneros como quarta-capa, programa (de teatro, dança, exposição etc.), sinopse, resenha crítica, comentário em blog/vlog cultural etc., para selecionar obras literárias e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, exposições, espetáculos, CD’s, DVD’s etc.), diferenciando as sequências descritivas e avaliativas e reconhecendo-os como gêneros que apoiam a escolha do livro ou produção cultural e consultando-os no momento de fazer escolhas, quando for o caso”.
“(EF89LP26) Produzir resenhas, a partir das notas e/ou esquemas feitos, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do resenhador, do autor da obra e, se for o caso, também dos autores citados na obra resenhada), por meio do uso de paráfrases, marcas do discurso reportado e citações”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 155 e 183.

* Em um *site* de busca de sua preferência, é possível pesquisar diversos canais de divulgação de resenhas de romances juvenis.

O final feliz que não se apresenta

A imensurável gratidão da mãe de Célia por aqueles que a exploram reforça a ideia de que é “natural” a submissão dos empregados aos empregadores. Essa é uma característica pertencente não apenas às relações trabalhistas em contexto rural, conforme foi reforçado pela obra um pouco mais adiante: a família de Célia muda-se para o Rio de Janeiro, os trabalhos ofertados são diferentes daqueles existentes no meio rural, mas os mecanismos laborais permanecem os mesmos, baseados num despotismo que remete à escravidão.

Georgina finaliza a história com a inexistência de um “final feliz”. Sendo essa característica esperada em romances de literatura para crianças e jovens, a autora desafia seus leitores que, deparando-se com o final inesperado, são instigados a “valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade”.*

Célia rememora sua infância, que se passa intimamente relacionada ao trabalho e à luta de sobrevivência. A personagem pouco nos revela sobre como vive sua vida adulta. Diante da estrutura do romance e dos temas subjacentes a ele, é possível propor aos alunos que imaginem como a protagonista vive a fase adulta. Assim, uma possibilidade de trabalho seria uma produção escrita na qual os alunos narrem um fato da vida atual de Célia¹².

12. Sobre isso, ver, na BNCC, a seguinte habilidade:
“(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular, p. 185.

* MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Competência geral 6, p. 9. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.

13. Na BNCC, a seguinte habilidade:
“(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs”.

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 155.

Outro caminho de atividade possível é a proposta de criação e de encenação de uma cena vivida pela protagonista já na vida adulta¹³ (ver sugestões de atividades mais adiante).

Outro viés que o desfecho nos traz são os questionamentos pautados nas convicções e condutas do universo adulto. Há uma revisão das condutas dos adultos pelo olhar infantil da protagonista. Ao ver na personagem as dúvidas que também podem afligir o público almejado, esses jovens leitores podem entender com maior clareza os componentes que instauram as verdades absolutas, questionando seus conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo.

Debates sobre Deus e Fé, sobre a Bondade e a Justiça evidenciam algumas lacunas presentes nesses conceitos. Sem que o objetivo seja levar os alunos a crer ou descrever em algo, a proposta se concentra em fazê-los pensar: a sociedade atual, da maneira como se apresenta, não abre espaço para a fala de crianças e adolescentes, impondo conclusões, sem abertura para diálogo ou contestações.

Impulsionar questionamentos frente às verdades individuais incentiva a reflexão sobre todo o universo de certezas presentes no imaginário individual e coletivo. Levar os estudantes a refletir sobre tais temas – religião, fé, submissão e gratidão – permite que posteriormente esses estudantes tenham curiosidade e passem a questionar com maior critério seus posicionamentos, desenvolvendo seu reconhecimento enquanto cidadão, e quanto às responsabilidades coletivas.

Experiências distintas, questionamentos iguais

Para um melhor aproveitamento da obra em sala de aula, como pré-requisito à leitura, pode-se propor atividades em grupo nos quais os alunos pesquisem acerca do êxodo rural e o sistema trabalhista de colonos e colonato. Usando a interdisciplinaridade como ferramenta de ensino, seria interessante que esses tópicos da pesquisa fossem contextualizados com as aulas de Geografia*.

Com o professor de História, cabem atividades interdisciplinares sobre o período histórico da Segunda Guerra Mundial, retratado por Célia na obra. Este período pode ser abordado contrastando sua repercussão no cenário nacional e internacional, lembrando que, no Brasil, depois da década de 1950, a industrialização e a urbanização tiveram grande desenvolvimento e a população brasileira deixou de ser predominantemente rural e se tornou majoritariamente urbana.

Uma segunda proposta de atividade, pensando no pós-leitura, é relacionar a narrativa da obra com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). O MST é um movimento cujas raízes foram formadas por trabalhadores em situações semelhantes ao pai de Célia. Relacionar a obra com a historicidade de um movimento tão importante como esse pode levar os alunos a novos entendimentos no que concerne a temas como Reforma Agrária e/ou Luta de Classes.

* O professor de Geografia já pode ter reunido dados atualizados sobre população, conforme orientações da BNCC na disciplina de Geografia, especialmente as habilidades, por exemplo: *(EF08GE02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.* *(EF08GE03) Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).* O site do IBGE pode ser uma boa fonte de consulta a informações sobre população, trabalho, condição feminina, inclusive com dados estatísticos. Disponível em: <www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/habitacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=destaques>. Acesso em: 5 ago. 2018. Especialmente sobre população rural e urbana, veja: <www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/habitacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 05 ago. 2018.

Os questionamentos levantados pela protagonista são aspectos que a grande maioria dos jovens também não compreende com clareza. O debate e os questionamentos sobre quaisquer dogmas são importantes para o completo desenvolvimento de cidadãos conscientes. Novamente, com base nos temas subliminares tratados na obra, os leitores podem ser instigados à reflexão, provocados com indagações como: posso desejar o que bem entender, mas por que esse é meu objeto de desejo? Quais elementos da minha história me levam a desejar isso? Meu passado e o passado das pessoas que vivem junto a mim (família, grupo social,

14. Na BNCC, verifique as seguintes habilidades:

“(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social”.

“(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma”.

“(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos”.

[...]

“(EF69LP21) Posicionar-se em relação a conteúdos veiculados em práticas não institucionalizadas de participação social, sobretudo àquelas vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e práticas próprias das culturas juvenis que pretendam denunciar, expor uma problemática ou “convocar” para uma reflexão/ação, relacionando esse texto/produção com seu contexto de produção e relacionando as partes e semioses presentes para a construção de sentidos”.

In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 143 e 145.

amigos etc.) são importantes na determinação do que será meu futuro?

Para o desenvolvimento desse tipo de atividade é possível traçar pontes entre a ficção e a realidade, por meio de notícias da atualidade. Esse último gênero do discurso pode trazer debates e exemplos concretos que permitem direcionar discussões no espaço escolar e relacionar textos que circulam em esferas sociais distintas¹⁴.

No texto, Célia passa a indagar-se à medida que os acontecimentos de sua vida não parecem justifica-

dos nem justos. A hesitação em crer na recompensa mediante o mérito principia em vivências de exploração (suas ou de pessoas de sua família) no trabalho, perpassa por suas necessidades não supridas de criança, e termina no questionamento aos conceitos e crenças impostos pela fé.

Cativando os jovens leitores, a obra retrata com seriedade a realidade da vida concreta, propondo a reflexão sobre o mito da meritocracia. A apresentação de tal conceito deve ser pré-requisito para o trabalho com a obra. Esse tópico pode ser muito interessante para ser trabalhado em sala de aula, apresentando aos alunos esse tema, que vem sendo amplamente debatido na sociedade. Além de fomentar a troca de ideias sobre os alicerces da estrutura social vigente, o contexto da obra permite “exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses [...]”^{15*}

Dessa forma, a responsabilidade coletiva aflora-se nos leitores. A leitura dos relatos de uma menina de faixa etária semelhante ao do público-alvo, mas em um passado e em uma ordem social não conhecida pelos leitores, tem a capacidade de permitir¹⁶:

15. Relacionada à competência geral 2, ver, na BNCC, as seguintes habilidades:
“(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes”.
“(EF89LP27) Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 179 e 183.

16. Ver, na BNCC, a seguinte habilidade:
“(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas”.
In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*, p. 147.

* MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Competência geral 2, p. 9. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versoafinal.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018. [grifos nossos]

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.*

* MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Competências gerais 6 e 7, p. 9.
Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018. [grifos nossos]

Palavras finais

Ave do Paraíso é um romance biográfico passível de diversas assimilações e interpretações. Cada leitor, conforme se familiariza ao universo de Célia, estará suscetível a novas emoções, novas conclusões, novas consciências sobre si e sobre o mundo em que vivemos. Nesse processo, muitas certezas podem ser tornar questionáveis, muitas verdades podem ficar confusas, mas, este será um amadurecimento enriquecedor, pois muitas conclusões antes equivocadas irão se organizar e se mostrar de outra forma.

Esperamos que esse paraíso em convulsão deflagre nas mentes da juventude brasileira, provocando o incômodo necessário para o nascimento da consciência de responsabilidade de cada cidadão, individual e coletivamente para, assim, caminharmos para uma sociedade igualitária, justa e saudável.

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada. Literatura e cultura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A.Q./Edusp., 1979.
- CANDIDO, Antonio. Timidez do romance. In: *A educação pela noite*. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, s/d.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. São Paulo: Global, 2003.
- DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras. 2004.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_-versaofinal.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2018.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PETIT, Michele. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luiza (org.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? *Desenredo. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. Passo Fundo, RS, v. 5, n. 1, jan./jun. 2009.